

PAULO EUGÊNIO DE ANUNCIÇÃO



ENTENDENDO
COM O
coração



EDITORA
**Vida &
Caminho**

APRESENTAÇÃO
REV. MATHIAS QUINTELA DE SOUZA

ENTENDENDO
COM O
coração

Copyright © 2024 Vida & Caminho

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida por qualquer meio, gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de recuperação de informações, sem a permissão por escrito da Editora, exceto no caso de breves citações inseridas em artigos críticos e resenhas.

Publicado no Brasil por:
Editora Vida & Caminho
Rua da Consolação, 2121 • 6º andar
CEP 01301-100 • São Paulo, SP
Telefone |11| 3105-7773
www.vidaecaminho.com.br

REVISÃO:
Meyre A. P. Barbosa

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E
DIAGRAMAÇÃO:
Bruno Menezes

DESIGN DA CAPA:
Bruno Menezes
Imagem sob licença de iStock



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Anunciação, Paulo Eugênio Mendonça de
Entendendo com o coração / Paulo Eugênio Mendonça
de Anunciação. -- São Paulo : Vida & Caminho, 2024.

ISBN 978-65-88646-18-2

1. Bíblia - Ensinos 2. Experiência religiosa
3. Vida cristã I. Título.

24-237592

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã : Cristianismo 248.4

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	13
Introdução	19
1. Equívocos pelo caminho	25
2. Começando pelas Escrituras	37
3. A Revelação	53
4. Igreja – um mistério	63
5. Vivenciando a Igreja	101
6. O ministério da reconciliação	145
7. Intimidade com o Senhor	175
8. O Código do coração	217
9. Credo na fidelidade de Deus	233
Referências bibliográficas	265

APRESENTAÇÃO

O IRMÃO PAULO EUGÊNIO, professor universitário aposentado e presbítero em disponibilidade, já publicou dois outros livros: *Planeta Experimental* e *Existe Alguém lá Fora do Universo*, destinados à evangelização no meio intelectual.

No livro *Entendendo com o Coração* ele compartilha com os irmãos na fé ricas lições aprendidas durante a sua jornada cristã, ao mesmo tempo em que nos provoca para aprofundarmos a reflexão e a prática de aspectos importantes da nossa jornada como, por exemplo:

- o conhecimento de Deus que equilibra *ortodoxia* (doutrina correta) com *ortopraxia* (prática correta);
- a experiência do dinamismo do Espírito tanto na construção do caráter cristão (fruto do Espírito) como no exercício dos ministérios para a edificação da igreja e para ganhar vidas para Cristo (dons do Espírito);
- o efetivo exercício do sacerdócio universal dos crentes; o equilíbrio da igreja como instituição (organização) e como comunidade carismática (organismo vivo);
- a esperança cristã como incentivo à fidelidade ao evangelho e como força que nos impulsiona no cumprimento da nossa missão.

Paulo Eugênio reconhece que cometemos equívocos em nossa jornada cristã em diversas áreas da nossa vida. Mas esses equívocos podem ser superados quando a nossa fé é mais do que um mero assentimento intelectual a doutrinas, mesmo quando elas são corretas, pois a fé genuína nos leva a um relacionamento pessoal com o Cristo vivo, Verbo encarnado, que caminha conosco, ilumina as nossas mentes, aquece os nossos corações e nos revela o Cristo eterno pelo testemunho das Escrituras, de Gênesis a Apocalipse. Paulo Eugênio ilustra esta realidade com a experiência dos dois discípulos no caminho de Emaús.

Isso nos faz lembrar o contraste que John Mackay faz entre os “teólogos da sacada” e os “teólogos do caminho” no seu livro *Prefácio à Teologia Cristã*. Os primeiros contemplam os transeuntes da sacada, como paisagem humana, e elaboram uma teologia abstrata, metafísica, desencarnada; enquanto os segundos, com formação acadêmica ou não, são os mestres dados por Cristo à igreja para que, juntamente com os demais ministros da palavra que exercem funções apostólicas, proféticas, evangelísticas e pastorais, cumpram o propósito de equipar todos os santos para que estes se edifiquem mutuamente pelo exercício dos dons espirituais e exerçam ministérios no mundo como Corpo Vivo de Cristo (Ef. 4.11-12). Na igreja judaica, os mestres da lei, consultados por Herodes, tinham conhecimento intelectual suficiente para informar com precisão o local do nascimento do Messias, mas os seus corações endurecidos não se abriram para crer no Infante Jesus como a encarnação do Verbo. No entanto, os sábios do oriente, os rudes pastores de Belém, a viúva Ana, o idoso Simeão e outros, viram o Messias, creram nele e o adoraram. Como Jesus ensinou, Deus oculta estas coisas aos pretensos sábios e entendidos (cabeças inchadas) e as revela aos pequeninos (corações abertos). Paulo, apóstolo e mestre, nos ensina, como igreja cristã, que o conhecimento (cérebro) ensoberbece, mas o amor (coração) edifica. E adverte: se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber (1 Co 8.2b-3).

Quanto ao dinamismo espiritual não temos dificuldade, como herdeiros da Reforma, de entender a obra do Espírito Santo na regeneração e na santificação nem de reconhecer o fruto do Espírito como evidência de espiritualidade. Mas a dificuldade está na aceitação plena da manifestação do Espírito pelo exercício dos dons espirituais. Aqui, as provocações do Paulo Eugênio encontram eco em mestres eminentes. Antônio de Godoy

Sobrinho¹ afirmou que em relação aos dons espirituais, Calvino, como teólogo, coloca várias restrições aos dons espirituais, “inibindo, portanto, a igreja, quanto ao largo espectro das manifestações carismáticas”. No entanto, constatou também que, felizmente, pregadores calvinistas ousaram transpor os limites colocados por Calvino e resgataram a posição dos grandes da patrística. Dentre eles, cita Jonathan Edwards, chamado por Harold Simonson de “o teólogo do coração”, cuja obra tem sido reavaliada e ele, hoje, é tido como um típico e convicto calvinista carismático. Godoy desculpou-se pelo excesso de notas e de referências bibliográficas na sua obra, mas justificou o seu procedimento, pois esperava estar contribuindo para a retomada da reflexão e da prática correta deste tema tão importante, afinal de contas, *Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est* (Igreja Reformada sempre se reformando). Nesta mesma linha, teólogos com a estatura de Hendrikus Berkhof e de C.H. van Dusen reconhecem o movimento pentecostal como a terceira força do cristianismo, como reação ao racionalismo excessivo que exerceu forte influência sobre a igreja nos séculos dezenove e vinte. Esse movimento tem contribuído para que igrejas históricas de tradição reformada reconheçam a contemporaneidade dos dons espirituais². Outro líder presbiteriano, John Mackay, teólogo escocês com alma latina, comentando Efésios 5.18-21, referiu-se ao velho movimento pentecostal chileno, outrora tão desprezado nos círculos cristãos mais convencionais, mas aos poucos reavaliado como grande acontecimento cristão³. Por isso, ele recomenda humildade de ambos os lados para uma aproximação saudável. *Compreendendo terem sido batizados em um único Espírito, trabalharão juntos e terão paciência uns com os outros; sabendo que a luta não é “com a carne e com o sangue”, armar-se-ão e se conservarão armados para o combate espiritual.*

A correta compreensão e prática dos dons espirituais é essencial para o exercício do sacerdócio universal dos crentes. Paulo Eugênio destaca o

1. É que essas citações podem ser fontes de estudo e de pesquisa para alguns interessados em continuar o nosso trabalho. Ver o capítulo 5 “A Teologia Reformada e o Espírito Santo” em *A Doutrina do Espírito Santo*, 3ª edição, Editora Vida & Caminho, 2024, pp 85-99

2. Como aconteceu com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em 1992 na reunião do Supremo Concílio. O texto referido do Professor Godoy foi produzido por recomendação do Concílio.

3. MACKAY, J. A. *A Ordem de Deus e a Desordem do Homem*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1959, pp 136-140

dinamismo da igreja neotestamentária que não se limitava a templos, mas transformava os lares em centros de adoração (At 2.46), evangelização (At 5.42) e discipulado (At 20.20). Esse dinamismo ficou comprometido quando, a partir de Constantino, a igreja foi gradativamente retornando aos odres velhos com a construção de templos sagrados (Casa de Deus), a restauração do sacerdócio sagrado (clericalismo) e a redução da vida da igreja a um dia sagrado (sabatização do domingo). O clericalismo recosturou a cortina rasgada pelo sacrifício de Cristo e foi aos poucos expropriando os ministérios do povo de Deus e transformando os fiéis em consumidores passivos de bens simbólicos produzidos por profissionais da religião. Paulo Eugênio adverte quanto à possibilidade atual de ateus e agnósticos se tornarem teólogos profissionais estudando em seminários sustentados pelo povo de Deus, em virtude do reconhecimento oficial dos cursos de teologia que exige adaptação às regras da academia. O clericalismo, persistente em segmentos de tradição reformada, é o principal responsável pelo que John Mackay chamou de morte estética de igrejas, dando razão para que pessoas de fora chamem os suntuosos templos dessas igrejas de mausoléus de Deus.

Estamos vivendo os últimos dias, que começaram com o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, repletos de ameaças e oportunidades. Que a esperança cristã nos faça lúcidos para discernir os perigos e corajosos para aproveitar as oportunidades que Deus nos dá para fazermos diferença na situação caótica do mundo em que vivemos. Apesar dos temas polêmicos relacionados com a escatologia abordados pelo autor, fica claro que precisamos ser competentes para discernir os sinais do tempo para não sermos enganados. Enquanto o Senhor não volta, devemos ser proativos nos empreendimentos do Reino, multiplicando os talentos que Deus coloca em nossas mãos, e vigilantes, porque não sabemos o dia nem a hora que devemos comparecer ante o tribunal de Cristo.

Com esta apresentação, espero ter despertado o interesse dos leitores para caminhar com o Paulo Eugênio na certeza de que o Cristo vivo será o companheiro da jornada para iluminar as mentes, aquecer os corações, desfazer equívocos, corrigir expectativas e restaurar o encanto romântico da noiva prestes a celebrar as bodas do Cordeiro.

Boa leitura!

MATHIAS QUINTELA DE SOUZA

PREFÁCIO

Pois tudo o que no passado foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.

Rm 15.4.

NOSSA INTENÇÃO não é escrever um texto de teologia, nem criticar ou aconselhar aos que praticam o Cristianismo como religião; apenas queremos compartilhar experiências de nossa vivência caminhando entre os irmãos de igrejas locais, seguindo o Caminho. Este é apenas um texto para compartilhar um pouco da nossa caminhada na vida cristã, e, nesta experiência de vida, aprendemos que é na caminhada que vamos conhecendo o Caminho – aí, então, descobrimos que a vida cristã não é teórica, ela é bem prática no seu dia a dia, passo a passo, de fé em fé (Rm 1.16-17; Hb 10.37-38; Hb 11.1-3).

E, como acontece a todos nós humanos viandantes neste Caminho, também cometemos nossos equívocos, como também acontecia com o povo escolhido de Deus. Por isso, desde quando recebemos nossa primeira Bíblia, em seus escritos, começamos a entender que a história do povo de Israel fora ali registrada para o nosso ensino. Sim, para aprender como nos relacionar com o nosso Criador e entender os seus propósitos.

Porém, desde quando nos entendemos por gente, parecia-nos muito comum no meio cristão o uso das narrativas bíblicas nem tanto para

ensinar, mas para criticar comportamentos e atitudes de personagens que viveram nos tempos bíblicos. Lembramos de alguns deles: os escribas e os publicanos; os políticos: *fariseus* (conservadores), *zelotes* (radicais) e até mesmo os *saduceus* (progressistas) e seus amigos da aristocracia sacerdotal (dentre estes, o famoso saduceu sumo sacerdote Caifás que pronunciou a condenação do Senhor Jesus à morte) – “gente de dura cerviz” – diziam os pregadores e os professores da Escola Dominical. Tais pessoas, estigmatizadas por seus comportamentos, eram duramente criticadas e até enquadradas como merecedoras da “justiça divina”, e, no final das prédicas a congregação saía com o coração aliviado – sentia-se feliz por não ser como aquela “gente de dura cerviz” – subliminarmente, se achava melhor. Os sãos não precisam de médico!

Mas são as experiências com o *Livro da Palavra* e com o *Espírito que revela essa Palavra aos nossos corações* que nos ajudam a entender os propósitos eternos do Criador. Então, escolhemos este evento do caminho de Emaús, porque sua narrativa parece um bom roteiro a nos inspirar nesta caminhada de genuíno relacionamento com o Senhor. Mesmo que nosso intelecto tenha limitações, a mensagem contida na Palavra, quando revelada pelo Espírito do Senhor, “aquece nosso coração”, enchendo-nos de *fé, esperança e amor*:

A FÉ

“A palavra está perto de você, na sua boca e no seu coração, isto é, *a palavra da fé* que pregamos. Se com a boca você confessar Jesus como Senhor e em seu coração crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvo. Porque *com o coração se crê* para a justiça e com a boca se confessa para a salvação. [...] E, assim, *a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo*”. (Rm 10.8-17, grifo nosso).

A ESPERANÇA

Pois tudo o que no passado foi escrito, *para o nosso ensino foi escrito*, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, *tenhamos esperança*”. (Rm 15.4, grifo nosso).

O AMOR

Ora, a esperança não nos deixa decepcionados, porque *o amor de Deus é derramado em nosso coração* pelo Espírito Santo, que nos foi dado”. (Rm 5.5, grifo nosso).

E, pela graça do Senhor Jesus, juntamente com nossos irmãos de sangue, somos da quarta geração de evangélicos andando no Caminho, pois, em São Francisco do Sul – SC, no dia 16 de novembro de 1904, foi organizada a Igreja Presbiteriana Independente, com os 20 membros da Igreja Presbiteriana local que aderiram ao movimento iniciado em 31 de julho de 1903. E, nessa lista de vinte membros, estavam Fermino Alves da Silva Mendonça e sua esposa Izabel Narciza de Castro Mendonça, nossos bisavós paternos. A filha deles, Fermina Raquel Mendonça casou-se com Eleutério Gonçalves da Anunciação – nossos avós. Maestro de uma orquestra, tocava nos bailes dos maiores clubes da cidade, nos finais de semana. Vô Eleutério, então, se converteu a Cristo. Deixou sua orquestra. Era alfaiate e se dedicou a ensinar a igreja toda a cantar como um único coral, a quatro vozes.

Até hoje a Igreja Presbiteriana Independente de São Francisco do Sul mantém esta tradição que aprendeu com seu maestro e presbítero Eleutério. Mais tarde, também nosso avô materno, Eugênio Antônio de Jesus, com seus pais e irmãos (migrantes judeus/espanhóis, fugindo da Inquisição espanhola) se converteram na mesma igreja em São Francisco do Sul. Vô Eugênio também foi presbítero e se casou com Hormezina Tavares, descendente da etnia Guarani.

Ganhamos nossa primeira Bíblia aos treze anos, quando nos convertemos a Cristo, e era presente de nossos pais. Na leitura dela, começamos a entender que a história do povo de Israel fora ali registrada para o nosso ensino. Sim, para aprender como devemos nos relacionar com o nosso Criador e entender os seus propósitos, pois, quando nascemos, já nascemos dentro da história desta milenar sociedade humana. É por isso que tais eventos foram registrados nas Escrituras, visando exatamente ao ensino de cada ser humano que “desembarca” neste planeta – Elas nos ajudam a entender a cosmovisão do Criador:

Primeiramente, porém, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (2Pe 1.20, 21);

Essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas como advertência para nós, sobre quem tem chegado o fim dos tempos. Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia! (1Co 10.11-12);

Quanto a você, permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu e que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2Tm 3.14-17).

E, para nos ajudar, o próprio Senhor Jesus nos deixou solene promessa:

Tenho ainda muito para lhes dizer, mas vocês não o podem suportar agora. Porém, quando vier o Espírito da verdade, ele os guiará em toda a verdade. Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e anunciará a vocês as coisas que estão para acontecer. Ele me glorificará, porque vai receber do que é meu e anunciará isso a vocês. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso eu disse que o Espírito vai receber do que é meu e anunciar isso a vocês (Jo 16.7-15, grifo nosso).

E o Senhor continua nos falando no Evangelho de João (Jo 14.15-18; Jo 14.23-29).

Este processo de conhecer as Escrituras que *nos tornará sábios para a salvação, pela fé em Cristo Jesus*, está à disposição de cada um de nós por obra e graça deste mesmo Espírito Santo, que nos ilumina para entendermos as mensagens eternas, afinal, foi esse mesmo Espírito que participou da elaboração das Sagradas Escrituras – sendo *o Espírito da verdade, ele nos guiará a toda a verdade*.

Porém não é aquela “verdade” ensinada pelos falsos líderes religiosos, nem a “verdade” proclamada por políticos para angariar votos dos crentes. Mas a *Verdade* é a revelada nas Escrituras: o *Logos*, o Verbo de Deus (Jo 1.1-3) é a própria pessoa de Senhor Jesus com todo o mistério que

envolve sua vida, sua morte e sua ressurreição. A mensagem completa é: “Se vós *permanecerdes na minha palavra*, verdadeiramente *sereis meus discípulos e conhecereis a verdade*, e a verdade vos libertará.” (Jo 8.31-32, grifo nosso).

E, dentro desta cosmovisão bíblica, analisamos este evento dos discípulos no caminho de Emaús para podermos entender melhor a nossa realidade como discípulos de Jesus Cristo, pois a vida cristã não é teórica, ela é bem prática no seu dia a dia, passo a passo, de fé em fé. É um processo que nos transforma em discípulos do Senhor Jesus, que começa com a nossa conversão e tem um prazo para terminar – “Estou certo de que *aquele que começou boa obra em vocês* há de completá-la até o *Dia de Cristo Jesus*” (Fp 1.6, grifo nosso).

É um texto para ler com o cérebro e entender com o coração.

INTRODUÇÃO

Como vocês são insensatos e demoram para crer
em tudo o que os profetas disseram!

Lc 24.25

QUANDO CURSÁVAMOS o ensino médio, no Colégio Estadual do Paraná, na disciplina de Língua Francesa a professora nos deu uma tarefa: traduzir o texto do romancista François Mauriac,¹ *La vie de Jésus*, baseado no evento dos discípulos no caminho para Emaús, conforme registro de Lucas (24.13-35).

Mauriac começa usando o contexto dos discípulos de Emaús para fazer uma avaliação sobre a sua própria vida: “A quem de nós a pousada de Emaús não é familiar? Quem nunca andou nesta estrada, numa noite onde tudo parecia perdido? Cristo estava morto em nós. Havíamos perdido: nosso mundo, os filósofos e os sábios, nossa paixão. Não havia nada de Jesus para nós sobre a terra”.

Mais adiante, Mauriac (*apud* Schmidt, 1959, p. 99-100) continua seu escrito comparando nossa vida como se fosse uma caminhada, como esta dos discípulos desesperançados voltando para Emaús:

1. François Charles Mauriac (1885-1970), romancista francês, membro da Academia Francesa de Letras – Prêmio Romance Academia de Letras em 1926 e Prêmio Nobel de Literatura de 1952.

Eis aqui uma pousada aberta; fica conosco, pois o dia já declina! – O dia declina, e a vida termina... Nossa infância parece estar mais longe do que o começo do mundo! – Então, ele entrou para ficar com os discípulos. Quando estavam à mesa, tomando ele o pão, o abençoou, e tendo-o partido, lhes deu. Em seguida, seus olhos se abriram, e eles então, o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. Então disseram um ao outro: – Porventura, não nos ardia o coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?

Mesmo tendo desfrutado dos ensinamentos e da companhia de Jesus por muito tempo, estavam equivocados sobre a realidade do ministério de Jesus: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos as pessoas mais infelizes deste mundo” (1Co 15.19).

Sem a correta visão de quem era Jesus, abatidos e desanimados, os discípulos regressavam para Emaús, sua aldeia de origem para retomar o curso natural de suas vidas – como muitos fazem todas as segundas-feiras. Atitude normal e rotineira de qualquer religioso dominical, sem esperança, atitude de qualquer ser humano cuja *esperança em Cristo se limita apenas a esta vida*. Pelo caminho, iam conversando a respeito de tudo o que havia acontecido e que tinham testemunhado naqueles últimos dias. Certamente, preocupados em como recomeçariam a vida e retomariam suas antigas atividades, depois que seus sonhos haviam fenecidos. Enfrentam, agora, a dura realidade de uma vida sem esperança. Absortos, caminhavam sem perceber que o próprio Senhor havia se aproximado e caminhava ao lado deles, mas não o reconheceram – mais um simples caminhante voltando de Jerusalém?! – *O que é que vocês vêm conversando pelo caminho?* – perguntou-lhes o “simples caminhante que voltava de Jerusalém”. Surpresos com a pergunta, retrucaram: És o único, porventura, que tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?

Eles estavam cientes daqueles recentes acontecimentos em Jerusalém, afinal, acompanharam tudo de perto – testemunhas oculares, eram pessoas bem-informadas, mas equivocadas ao interpretar os fatos sobrenaturais que estavam em andamento por determinação do Eterno. Até pareciam os discípulos deste século XXI falando: *A nossa esperança era que seríamos abençoados em nossos projetos, nosso ideal político, nossa família..., que teríamos uma vida tranquila e muita prosperidade em nossos negócios;*